



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

APRESENTAÇÃO | DOSSIÊ

“Tudo que nós tem é nós”: pesquisas com os cotidianos e os diferentes ‘praticantespensantes’ da educação e dos movimentos sociais populares

"All we have is us": everyday life research and the different thinkingpractitioners of education and popular social movements

"Todo lo que tenemos es a nosotros": investigaciones con lo cotidiano y los diferentes practicantespensantes de la educación y los movimientos sociales populares

Marcio Caetano
Maria Luiza Sússekind
Tiago Ribeiro

“De ré, poderíamos dizer que no princípio era a folha. Outras narrativas vão dizer que no princípio era o verbo. Outras ainda vão criar paisagens bem diversas, e isso é maravilhoso” (Ailton Krenak, 2023, p.31).

É maravilhoso que as paisagens, as pessoas, os corpos, as vozes, as vidas sejam bem diversas! Diversidade, aqui, como a imagem de uma constelação que, ainda quando comunidade, é também uni-múltipla, plural, imagem que diz muito das lentes com as quais ‘*vemossentimoscompreendemos*’ o mundo e os cotidianos: uma experiência única, irrepetível, *insumariável, unimúltipla* (Sússekind, 2007), que nos lembra a todo o tempo e o tempo todo de que nossos passos vêm de longe e não estamos sozinhas no ofício de visibilizar bonitezas e transbordar sentidos, como forma de resistir à imposição de narrativas únicas (Adichie, 2019) e de necropolíticas (Mbembe, 2018) que desbotam as cores vitais das existências singulares, individuais e coletivas, por meio da negação da heterogeneidade

como dimensão constitutiva de nosso mundo.

A filosofia das diferenças de Deleuze (2006) nos traz a compreensão de que o que constitui nossa experiência social neste mundo são as diferenças, como relação entre alteridades distintas. Diferença como fricção, diferir, diferindo e devir. Em outras palavras: a mesmidade, a ânsia de que todas precisamos seguir um modelo e atender a determinadas normas supostamente legítimas sobre nossos modos de ser e existir no mundo, é um delírio. O desejo de mesmidade não tem amparo na vida, na existência encarnada no e com o mundo. Esse saber, muito importante para o campo da pesquisa com os cotidianos, não diz respeito apenas à filosofia das diferenças. O reconhecimento da pluralidade, diversidade, heterogeneidade, rede e constelação é ancestral e há de voltar a ele para entendermos a radicalidade da ideia de uma constelação/rede plural e diversa, porém, igualmente singular e comum (Krenak, 2019).

A *unimultiplicidade* como expressão comunitária das diferenças e singularidades nos lembra: que a multiplicidade possa ser marcas estéticas latejantes no coração do mundo não é algo apenas maravilhoso, mas uma aposta de lutas educativas e políticas que nos reúnem nas diferenças. Desde territórios existenciais, teóricos, epistemológicos e metodológicos singulares, plurais e distintos entre si, no campo das pesquisas *nosdoscom* os cotidianos, congregamos gestos, práticas e movimentos de investigação tecidos em torno de éticas, estéticas, poéticas e políticas comuns, partilhadas nessa comum-idade plural e pulsante.

Mas quem é o “nós” dessa primeira pessoa do plural do verbo “congregar”, em “congregamos”? Quem constituímos essa comum-idade plural? A teoria narrativa (Ricoeur, 2010) nos lembra de que nos constituímos socialmente, na relação com os outros, por meio das histórias que nos contam e que compomos de nós mesmas. Narrar é gesto vital, como bem alerta Ailton Krenak (2019), desde os saberes ancestrais dos povos das florestas e de suas práticas de re-existência: (se) narrar é também *re-existir*, tornar presentes mundos plurais que coexistem e constelam polifonias e polissemias; mostrar as marcas no corpo na pele e na linguagem, bem como os oceanos que elas carregam; falar de sementes, de brotações, de transformações, de redes de saberes e sujeitos que nos constituem (Alves, 2008), da vida que insiste em

proliferar e polinizar multiplicidades.

Somos multidões – de pessoas, de lugares, de ideias, de histórias, de tempos, de utopias... Narrá-los é também nos posicionar singularmente no mundo! E por isso narramos. Pela insistência menina, a modo de Paulo Freire (Kohan, 2019), de apostar na vida, na partilha, no diálogo, no encontro, na aprendizagem mútua que pode redefinir as rotas de uma existência.

Nossas histórias são aterradas, têm raízes em territórios marcados por bonitezas e cores múltiplas e vibrantes, mas também por cenários cinzas e plúmbeos repletos de dores. Na fricção dessas diferenças nos constituímos – e muito para além delas. Por isso, narramos começando por lembrar que, a despeito dos hiatos democráticos, a História do Brasil - nossa *pátriaterritório*, nosso chão, nossa *terramãe*, sobre a qual nos erguemos e da qual nos nutrimos - registra experiências de tentativas e golpes políticos em que a beleza do aprender com *unimultiplicidades* de existências na democracia foram vilipendiadas. Mas nós resistimos e insurgimos cotidianamente com as nossas existências e produzimos com elas, pesias:

Marcas de nascençaⁱ

Quando nasci, era chibata,
costas lascadas e pele
mais lascada ainda.

Quando o sol não maltrata,
estala o chicote...

Parece absurdo, sim, em alguma orla higienizada
ou n'algum editorial racista.

Parece absurdo e tão longe...

de dentro de algum táxi

ou do frescor de um ar-condicionado...

mas é o sangue da bisca de minha mãe
que escorre neste poema!

- como marcas de nascença.

Os versos são vermelhos e borbulham;
não importa sua opinião.

Alguns já estão secos e duros...

porque a vida é beleza,

mas também endurece,

entre fatalidades e covardias:

há versos que ardem.

Escreveram histórias de tempos e gentes
essas marcas.

Ecoam e ressoam,

de longas datas.

Quando nasci,
gritavam no copo de água amarela e salobra
sobre a mesa...
ou em tantos direitos negados
(à vó preta, pobre e nordestina;
à mãe preta, pobre e nordestina).
A lista não termina...
Mas não é maior que o poema.

A chibata nunca baixou.
Baixamos ela,
sem ênclise nem porra nenhuma:
a gramática nunca esteve
do nosso lado.
Esteve?

Negar o racismo é não ver o sangue das nossas
empapando esses versos.
Cada verso branco não matou
só rimas.
Tem lágrimas entre estrofes,
e não saber o que dizer
é já dizer alguma coisa.

A memória arde,
marca ardida na pele e na cara.
Diz que toda dor em um verso
é dor de um mundo inteiro.
Me dói o mundo inteiro.
Vês?
Escuta com os olhos para ver melhor:
Uma dor que lateja
é também ancestralidade
e escrevivência
(Gratidão, Conceição!).

Nenhuma rima escapa
à ancestralidade da palavra.
Negar uma dor coletiva
é negar uma ancestralidade
e infertilizar uma língua.

Dos versos brancos aos versos ouvintes;
dos racismos aos ouvintismos;
das ausências às presenças de rima.

Tudo o que posso dizer é:
são 2:30 da madrugada
e a garganta travou;
o sono fugiu.
A garganta travou e o sono fugiu porque há pessoas em que não dói.

O mundo não dói em alguns...
Há quem viva neste mundo e negue o racismo.
Há quem viva neste mundo e negue o ouvintismo.

Há quem viva neste mundo
e negue os mundos nele
(e tantas dores).

Haverá tão pouca fome
de boniteza e alteridade?
Em um mundo que é prato cheio de poesia
e caçarola de histórias,
fazer baixar as chibatas
é gesto de luta e resistência.

É de madrugada
e eu continuo com fome.
Fome de mundo:
Porque comer o mundo
é deixar ser comido por ele.
Ser mundo.
Ser organismo-constelação.
A fome dói, sim, mas colore:
a cor sacia a escassez de poesia
e o excesso de rima.

(escuta com os olhos, meu bem,
senão não vês:
há cores que só se pronunciam
com as pontas dos dedos
ou na superfície profunda da pele).

Um dos golpes mais violentos e repressores de nossa história foi, sem dúvida, a Ditadura Civil-Militar de 1964, que perdurou até a década de 1980, e ficou marcado por genocídios contra os povos originários, além das perseguições e assassinatos políticos e de minorias. Nos contextos científico, artístico, educacional e cultural do país, a Ditadura também significou censura, perseguição e silenciamento. As políticas de Estado estiveram a favor da imposição do pensamento único, da estética conservadora, da lógica da repressão e da obediência fascista. Mas, como bem nos diz Certeau (2012), o cotidiano é caça arisca e, mesmo diante de tecnologias e máquinas de controle e repressão, as ‘*pessoaspraticantes*’ inventam modos de proliferar liberdade, afirmar pluralidades e traquirar, burlando e desviando do canônico e impositivo em suas criações cotidianas perambulantes. Não se permitem aprisionar. Corpos vibrantes não precisam de permissão para existir. O outro não precisa de permissão para existir (Ribeiro; Skliar, 2020). ‘*Praticantespensantes*’, insistente e inventivamente, performamos a vida caçando liberdade, formas de afirmar nossas existências no mundo, tecidas e nutridas ‘*nosdoscom*’ os

cotidianos. A repressão, ainda que busque, nunca é narrativa única. A vida prolifera e transborda. Transbordar é gesto de narrar a vida e pluralizar nossos sentidos.

transbordarⁱⁱ

nossos passos desenham o caminho,
meu bem...
e a gente dança a caminhada.
pele do corpo
e pele do mundo:
pés descalços,
terra desnuda.

escuto pelos olhos teus silêncios...
e pelo corpo me entram teus gritos:
sou mundo! sou mundo!
sois mundo!

a gente nunca vai só.
a gente não solta a mão.
a gente não soma.
a gente não fome.
a gente transborda!

um traço, um gesto,
uma mirada.
um rio, uma olhar,
um oceano.
a gente não soma, não.
a gente transborda.
(oceano)

trans-bordar:
bordar mundos e dobras,
pintar silêncios e bordas,
plantar palavras
(visuais, também).

eu te falo com minha mão um segredo.
é assim:
na ponta dos dedos,
o tato, o afeto, a linguagem.
na ponta dos dedos,
a promessa, a luta, a coragem.

a gente pinta e borda.
a gente transborda,
meu bem...
porque viver
é transbordar de si mesmo.

A gente, cotidianamente, transborda. Criamos mil e muitas táticas (Certeau, 2012) para driblar as estratégias do poder e seguir inventando liberdade. Apesar das políticas comprometidas com o silenciamento e a repressão, os modos e maneiras de pensarmos a vida e produzirmos conhecimentos *nosdoscom* os cotidianos polinizam experiências, ações e movimentos contrários à imposição de um modelo único de existir, pensar, habitar e performar o mundo. Não se trata de uma perspectiva como verdade nova e superior, mas de uma estética que reconhece no plural a força de cada singularidade possível e a marca constelar de cada existência.

“Tudo que nóiz tem é nóiz”. E somos mais fortes quando andamos juntas: “aquilombar é o que dá força” (Rosa, 2022, 192), coletivizar, fazer comunidade, constelar; conversar, pensar, viver e fazer coisas juntas (Skliar, 2019). A força de nossas existências e práticas não está na competição; a natureza nos ensina isso, como bem lembra Humberto Maturana (2001): é no encontro, na partilha, na constelação que nos fortalecemos e nos afirmamos. É assim historicamente que, frente às políticas de morte, proliferam as vozes que se queriam aprisionadas, mas sempre estiveram aí, na polifonia dos cotidianos, em pequenas alianças que bordam redes de saberes-fazer-conhecimentos contra hegemônicos. Aquilombar é fortalecer os laços pela vida.

A repressão tem medo da liberdade, da comunidade, da arte, do conhecimento, do quilombo. No que tange à produção do conhecimento - sabemos bem -, os períodos de governos repressores e não eleitos convergem com a descontinuidade de investimentos em Arte, Cultura, Educação, Ciência e Pesquisa, com o sucateamento e, muitas vezes, com perseguições políticas e outras práticas violentas, como foi na Ditadura Civil-Militar, como foi no passado recente, em que tanto se atacou e aviltou o conhecimento, o livre pensar, os múltiplos saberes e experiências, os movimentos sociais e minorias. Um afã pela imposição de um modelo único, formatado, limitante, silenciador, impositivo. Os períodos de chumbo e repressão não aniquilam; contudo, a pluralidade. A vida insiste e é bom lembrar: utopia é modo de caminhada e luta (Castro; Santos; Caetano, 2021).

Alimentadas pela utopia de um mundo plural, onde as diferenças possam ser vividas como relação, muitas de nós nos movemos. Narrar o mundo é torná-lo mais colorido; narrar nossas histórias, experiências e lutas

adia o fim do mundo (Krenak, 2019). No Brasil, temos teimado em adiar o fim do mundo. *‘Praticantespensantes’* traquinos e peraltas, driblamos a repressão, o silenciamento, a violência, a fome. Em todas as áreas. Mergulhamos nos cotidianos com todos os sentidos (Alves, 2008), para amenizar muitas sedes: é que os cotidianos são mananciais de experiências, saberes, conhecimentos, encontros, trans-formações... Foi nas tessituras cotidianas, entre os ares de renovação e reabertura do fim dos anos 1980 e, sobretudo, a partir dos anos 1990, tendo as escolas e o diálogo *‘universidadescola’* como nascedouro, que as pesquisas com os cotidianos ganharam corporeidade e força.

Desde então, têm reforçado os movimentos em favor da desinvisibilização de experiências miúdas, da legitimação e da escuta dos processos e redes de *‘saberesfazeres’* tecidas coletivamente entre *‘praticantespensantes’* da educação e dos movimentos sociais populares, de suas vozes, trajetórias e biografias.

As professoras Nilda Alves e Regina Leite Garcia têm suas digitais nessas histórias e em tantas outras... São duas *mulheresprofessoras* que transitaram entre a escola básica e a universidade e que em conversas com redes, lançaram as sementes do que hoje se fortalece como o campo de produção do conhecimento em Educação: os estudos *nosdoscom* os cotidianos, uma *‘epistemometodologia’* encantada pelos gestos miúdos, poéticos, éticos e políticos que, no dia-a-dia das escolas, são tecidos colaborativa e solidariamente.

Nas últimas três décadas, o referido campo tem se fortalecido como opção ética, estética, política e poética de pesquisar processos e experiências vividas por *‘praticantespensantes’* implicadas *‘nosdoscom’* os cotidianos. Esse movimento exigiu e criou *‘espaçostempos’* específicos em que as perspectivas *‘epistemopolíticometodológicas’* que os animaram fossem debatidas e desenvolvidas mais amplamente. Nesse sentido, vários grupos e linhas de pesquisas em programas de pós-graduação surgiram no Brasil e, mais recentemente, a ANPED criou o *GE Cotidianos: éticas, estéticas e políticas* com a intenção de articular procedimentos, teorias, modos e maneiras de pesquisar com os cotidianos que abordassem diferentes *‘praticantespensantes’* em seus *‘fazeressentiaressaberes’*.

Celebrando este movimento e apostando nas partilhas, redes e

conversações, este dossiê reúne textos resultantes de pesquisas e experiências que privilegiam e se nutrem dos debates em torno das correntes ‘teóricometodológicas’ que se voltam epistemologicamente aos cotidianos e seus ‘praticantespensantes’. De diferentes contextos, estados e regiões do Brasil, são compartilhadas experiências de pesquisa que apostam na **ética** do reconhecimento da alteridade do outro; na **estética** da rede, da solidariedade e da cooperação; na **política** como ação cotidiana em favor da afirmação da vida e da legitimação das diferenças e singularidades plurais; na **poética** como modo de narrar, imaginar, inventar e plasmar biografias, vidas, presenças. Trata-se de textos que se debruçam sobre as ideias de cotidianos, narrativas e experiências, discutindo metodologicamente possibilidades de pesquisas em Educação, a partir do que vem sendo feito, vivido por seus grupos e coletivos.

Aqui, também, a pluralidade pulsa. Não há em nenhum texto deste dossiê, antecipamos, receitas, manuais, modos certos e certos de fazer. Há, isso sim, conversações encarnadas, complicadas, implicadas, intensas, vivas, nutritivas. Conversar nutre nossas práticas, existências, perguntas, vidas... Há também tateios, gaguejos, cartografias, narrativas, criações metodológicas e curriculares, relatos, cartas, entre tantos dispositivos que reforçam a indissociabilidade entre pesquisa e vida!

Convidamos vocês, também ‘praticantespensantes’, a mergulhar nos textos conosco. Navegar entre cartas, artigos, relatos, ensaios e pesquisas grávidas de vida, encarnadas, com nome, corpo, face. Eis nosso convite para conversar e pensar juntas sobre Educação, Narrativa, Diversidade, Metodologia, Gênero e Sexualidade, Raça, Currículo, Cotidiano. Vamos lá?

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

CASTRO, Amanda Motta; SANTOS, Luciane Tavares dos; CAETANO, Marcio. (Orgs.). *Educação, movimentos sociais e utopias*. Curitiba: CRV, 2021.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

KOHAN, Walter. *Paulo Freire mais do que nunca: Uma biografia filosófica*. Belo Horizonte: Vestígio, 2021.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MATURANA, Humberto; VARELLA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MBEMBE, Achile. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIBEIRO, Tiago; SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. *Série-Estudos-Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB*. Mato Grosso do Sul, n. 55, set/dez., p.1-18, 2020.

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa 2: A configuração do tempo na narrativa de ficção*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROSA, William Paulino. "Aquilombar é o que dá força": redes de afeto, de fazer político e de produção de conhecimento em um coletivo negro de universitários de Medicina. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: UNICAMP, 2022.

SKLIAR, Carlos. *A escuta das diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2019.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. *Teatro de Ações: arqueologia dos estudos nosdocom os cotidianos – relatos de práticas pedagógicas emancipatórias*, 235f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Marcio Caetano

Doutor em Educação. Docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação desta instituição e também no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dedicar-se à temática das relações de gênero e sexualidade nos cotidianos educativos das escolas e

“Tudo que nóiz tem é nóiz”: pesquisas com os cotidianos e os diferentes ‘praticantes pensantes’ da educação e dos movimentos sociais populares

movimentos sociais populares. Atualmente coordena do GE Cotidianos – Éticas, Estéticas e Políticas da ANPED.

✉ mrvcaetano@gmail.com

👤 <http://lattes.cnpq.br/2262480943131351>

🆔 <http://orcid.org/0000-0002-4128-8229>

Maria Luiza Sússekind

Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e do Programa de Pós-graduação da mesma universidade. Dedicase à temática dos currículos, cotidianos e experiências educativas e formativas emancipatórias.

✉ mluizasussekind@gmail.com

👤 <http://lattes.cnpq.br/3054907039826552>

🆔 <http://orcid.org/0000-0002-7296-615X>

Tiago Ribeiro

Doutor em Educação. Professor do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Brasil, e do Programa de Doutorado em Investigação Narrativa e (Auto)biográfica da Universidade Nacional de Rosário, na Argentina. Dedicase à temática da educação de surdos, em perspectiva antirracista e ecológica, bem como aos processos e experiências formativas nos dos com os cotidianos escolares.

✉ tribeiro@ines.gov.br

👤 <http://lattes.cnpq.br/2315195956044963>

🆔 <http://orcid.org/0000-0001-7264-3388>

ⁱ Poema de Tiago Ribeiro

ⁱⁱ Poema de Tiago Ribeiro